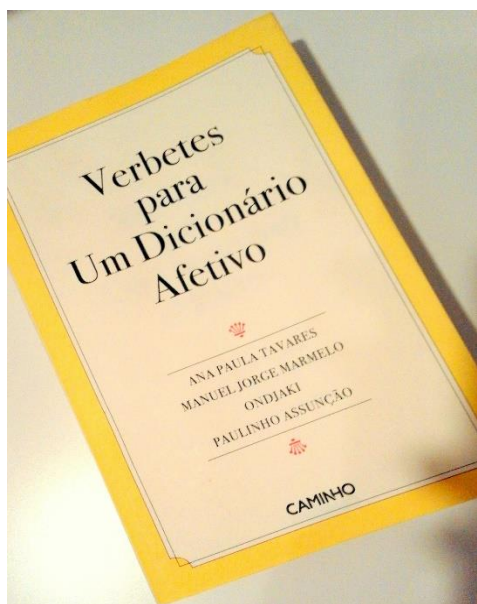


## *Verbetes para Um Dicionário Afetivo* – A memória na pessoalização dos significados.

Ana T. Rocha

Em janeiro de 2016, a editora portuguesa *Caminho* deu à estampa o livro *Verbetes para Um Dicionário Afetivo*, no qual participam os escritores angolanos Ana Paula Tavares e Ondjaki, o português Manuel Jorge Marmelo e o brasileiro Paulinho Assunção.

Por ordem alfabética, tal como num dicionário, vão surgindo palavras a partir das quais os quatro escritores desenvolvem, depois, individualmente, textos ou poemas, revelando como a singularidade, as experiências e vivências pessoais e, sobretudo, as memórias dessas, individualizam a atribuição de significados aos significantes.



Através da interpelação de palavras como “Animais”, “Árvores”, “Casa”, “Cinema”, “Geografias”, “Imaginação”, “Luas”, “Migrações”, “Namoro”, “Ruas”, “Uanga (feitiço)”, “Varandas”, etc., os escritores vão, no fundo, partilhando memórias, uns com os outros e com os leitores. O período da infância é por isso o estádio, por excelência, evocado neste livro, por forma a trazer ao papel as imagens primeiras que preencheram, no dicionário de cada um, cada signo de uma mesma língua.

São as geografias e suas culturas que fundamentam a extensão semântica que as palavras irão experienciar ao longo dos textos. O signo “Árvore” implica a aparição de imensas imagens, desde imbondeiros, a mangueiras ou eucaliptos. A palavra “Rua”, por exemplo, move-nos, num virar de página, do Porto para Luanda. O leitor vai circulando no espaço e no tempo; elementos esses sempre ligados visto que particulares espaços evocados existem apenas num passado e na memória do escritor que os partilha.

Os textos com suas (por vezes) marcas de oralidade mantêm-nos presos a um momento presente de enunciação e acompanhados da sensação de presencialidade de quem conta. É aí e na intimidade inerente à memória e sua revelação aqui deixada pelos

quatro escritores que encontramos a afetividade anunciada no título do livro. Porém, são os próprios escritores que nos lembram de que a necessidade estética e/ou a falha da memória, alteram, criam e recriam os testemunhos, pois, neles o mais importante não é a verdade, permitindo-lhes mentir “ou por conveniência ou por ternura” (p. 241), para “mais tarde poder lembrar bem” (p.201).